

## Revisão Bibliográfica: Mediunidade

Stella Maris Souza Marques<sup>1</sup>

Thaíke Augusto Narciso Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO:

A mediunidade pode ser definida como uma experiência em que um indivíduo (chamado de médium) alega estar em comunicação com, ou sob influência de, uma personalidade desencarnada ou outro ser não material. As investigações sobre mediunidade já mobilizaram dezenas de cientistas de destaque que alcançaram resultados consideráveis em suas pesquisas, tais como Allan Kardec, Camille Flammarion, William James, William Crookes, Carl Gustav Jung, Joseph John Thomson, Henri Bergson e outros. A grande maioria destes investigadores terminou convencida de que explicações convencionais (fraude e atividade mental inconsciente) podem explicar muito, mas não todos os dados observados. Assim, desde o século 19 há uma substancial, mas negligenciada tradição de investigações científicas sobre mediunidade, suas implicações para a natureza da mente e sua relação com a saúde mental. Em face de tal problemática, o presente trabalho realizou uma revisão bibliográfica a partir dos 07 artigos encontrados utilizando o unitermo ‘mediunidade’ no sítio SCIELO. De um modo geral, os resultados obtidos permeiam o problema mente-cérebro, a patologização e a despatologização das experiências mediúnicas, os critérios avaliativos das mesmas, as pesquisas negligenciadas, o espiritismo e as sugestões e limitações científicas para a pesquisa nesta temática.

Palavras-chave: Mediunidade. Pesquisas. Saúde Mental.

---

1 Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).  
E-mail: [stella\\_msm@hotmail.com](mailto:stella_msm@hotmail.com)

2 Graduando em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).  
E-mail: [thaike29@hotmail.com](mailto:thaike29@hotmail.com)

## **INTRODUÇÃO**

A mediunidade é uma experiência humana a qual foi disseminada pelas diversas sociedades ao longo da história e pode ser definida como uma experiência em que um indivíduo (chamado de médium) alega estar em comunicação com, ou sob influência de, uma personalidade desencarnada (falecida) ou outro ser não material. Atualmente, há vários grupos sociais e religiosos que proporcionam experiências mediúnicas, como católicos carismáticos, evangélicos pentecostais, espíritas, espiritualistas e religiões de matrizes indígenas ou africanas (MOREIRA-ALMEIDA, 2013).

Conforme o cientista Allan Kardec, codificador da doutrina espírita, médium é todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. A mediunidade, nesta perspectiva, se caracteriza como uma faculdade inerente ao ser humano, ou seja, não se constitui um privilégio exclusivo. No entanto, usualmente só se chamam de médiuns aqueles com uma organização mais sensível e com a faculdade mediúnica mais bem caracterizada (KARDEC, 2005).

Posto isso, os principais tipos de mediunidade são: de efeito físico, dos médiuns sensitivos, médiuns audientes ou clariaudientes, médiuns videntes ou clarividentes, médiuns psicofônicos, médiuns de cura, médiuns mecânicos, médiuns semi-mecânicos, médiuns intuitivos e médiuns inspirados (KARDEC, 2005). Ademais, a mediunidade se caracteriza por habilidades não aprendidas e ocasionalmente manifestadas: xenografia, telepatia e a feitura de obras de arte, desenhos, poesias e músicas (MOREIRA-ALMEIDA, 2013).

A pesquisa sobre mediunidade já mobilizou dezenas de cientistas de destaque os quais alcançaram resultados consideráveis. Desde o século 19 há uma substancial, mas negligenciada tradição de investigações científicas sobre mediunidade e suas implicações para a natureza da mente e sua relação com a saúde mental (MOREIRA-ALMEIDA, 2013). Em face de tal negligência, justifica-se este trabalho que possui como objetivo a realização de uma revisão bibliográfica acerca do tema.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho compõe-se de revisão bibliográfica a partir dos 07 artigos encontrados utilizando o unitermo ‘mediunidade’ no sítio SCIELO, cujos critérios de inclusão foram idioma português, inglês e espanhol, bem como relação com experiências religiosas e

espirituais.

## **RESULTADOS**

Foram encontrados 07 artigos, todos no idioma português e em referência a experiências religiosas e espirituais. De um modo geral, os resultados obtidos permeiam o problema mente-cérebro, a patologização das experiências, a despatologização das experiências, os critérios avaliativos das experiências mediúnicas, as pesquisas negligenciadas, o espiritismo e as sugestões e limitações científicas.

Inicialmente, cada artigo será brevemente apresentado e, a posteriori, seus resultados serão devidamente expostos em tópicos no decorrer do texto.

De modo geral, o artigo de Menezes et al. (2012) teve como objetivo identificar o perfil sociodemográfico e de experiências anômalas (EA) entre pessoas que buscaram ajuda em centros espíritas. Como resultado, os pesquisadores obtiveram o predomínio de mulheres (70%), de meia-idade, com alta escolaridade, ativas ocupacionalmente e cujas EA começaram na infância (65%) ou adolescência (23%). As EA mais frequentes foram o que se considera como alucinações visuais (63%), auditivas (54%), “percepção espiritual” (53%), “sonhos paranormais” (38%) e experiências fora do corpo (31%). Para a maioria da amostra, essas EA não traziam prejuízos sócio ocupacionais, eram curtas, episódicas e benéficas; entretanto referiram sofrimento emocional e falta de controle sobre elas. Concluíram a alta frequência e a diversidade de EA encontradas, bem como suas implicações teóricas, clínicas e de saúde pública.

O artigo de Moreira-Almeida e Neto (2004) teve como objetivo revisar o material produzido por Janet, James, Myers, Freud e Jung a respeito da mediunidade, com ênfase em dois aspectos: suas causas e relações com a psicopatologia. Como resultado, analisaram que Janet e Freud associaram a mediunidade com a psicopatologia e a uma origem exclusiva no inconsciente pessoal; Jung e James aceitaram a possibilidade de um caráter não-patológico e de uma origem no inconsciente pessoal, mas sem excluírem em definitivo a real atuação de um espírito desencarnado; Myers associou a mediunidade a um desenvolvimento superior da personalidade e tendo como causa um misto entre inconsciente, a telepatia e a ação de espíritos desencarnados.

O artigo de Moreira-Almeida (2013) teve como escopo discutir a importância histórica e atual da mediunidade para o problema mente-cérebro, focando em estudos que investigam as origens e as fontes das comunicações mediúnicas. Como resultado, estudos antigos e

recentes bem controlados sugerem que médiuns podem exibir habilidades e conhecimentos compatíveis com personalidades falecidas e improváveis de terem sido obtidos por meios ordinários. Como conclusão, o uso de métodos de pesquisa contemporâneos em experiências mediúnicas pode proporcionar a necessária ampliação e diversificação da base empírica para o avanço de nosso entendimento do problema mente-cérebro.

O artigo de Peres e Newberg (2013) propôs uma promissora nova linha de pesquisa em neurociências e a discussão de algumas questões pertinentes à efetiva utilização da neuroimagem, como potencial método de investigação da mediunidade, para avançar a compreensão consensual a respeito da consciência, da suposta comunicação espiritual e suas relações com o cérebro. Os pesquisadores observaram que os estudos neurofuncionais existentes sobre experiências religiosas não focam especificamente na questão “comunicação espiritual”. Como resultado, ao contrário de outros estudos sobre práticas religiosas, encontraram uma diminuição da atividade nas redes atencionais durante a suposta comunicação espiritual. Similares achados ocorreram durante a experiência de glossolalia (em que supostamente o médium fala em línguas desconhecidas enquanto em transe). Concluem defendendo a necessidade de mais estudos para preencher detalhes da natureza e diferenciação das práticas religiosas e espirituais e seus respectivos correlatos neurais.

O artigo de Alvarado (2013) possuiu a finalidade de revisar os escritos selecionados publicados na literatura dos séculos XIX e XX sobre o mesmerismo, o espiritualismo e a pesquisa psíquica, cujos autores discutiram sobre aparições, telepatia, clarividência, experiências fora do corpo e outros fenômenos parapsicológicos como evidência para a existência de um princípio separado do corpo e responsável pela consciência. Os autores discutidos foram Beloff, Colquhoun, Flammarion, Jung-Stilling, Myers e Rhine.

O artigo de Alvarado et al. (2007) teve como intuito constatar a influência do tema mediunidade no meio científico. Através de uma revisão de literatura histórica da psiquiatria e da psicologia, foi possível verificar que os estudos acerca da mediunidade, como transe e mensagens verbais ou escritas atribuídos a espíritos de mortos, contribuíram para o desenvolvimento de alguns conceitos e ideias, como mente subconsciente e dissociação, por alguns pesquisadores, quais sejam, Carpenter, Myers e Grasset. Os autores (2007) deste artigo concluíram que, apesar de a mediunidade ser apenas um dos fatores que afetou a construção de conceitos psicológicos e psicopatológicos, é necessário o reconhecimento de sua influência nos meios psiquiátricos e psicológicos.

O artigo de Stoll (2009) possuiu como propósito refletir como se dá a construção do sujeito (espírita e do candomblé) em transe, possessões, ritos mediúnicos, bem como em

performances de “auto-ajuda” através de análises de alguns autores sobre a prática do transe. Posteriormente, discutiu como se estrutura a relação entre ator e personagem e analisou o “teatro de auto-ajuda” de Gasparetto enquanto um novo fenômeno.

## **Resultados em tópicos:**

### **a) Problema mente-cérebro**

A origem e o suposto término da “vida psíquica” são debatidos desde tradições religiosas milenares até a neurociência contemporânea, tendo implicações profundas sobre nossa visão de mundo e atuação no mesmo. No entanto, não há o estabelecimento de um consenso até hoje. Neste sentido, Peres e Newberg (2013) aprofundam nas teorias relativas à gênese da consciência, as quais podem ser divididas em duas categorias: (1) a consciência como um produto da atividade cerebral e (2) a consciência como uma entidade com vida, funcionamento próprio e não necessariamente limitada ao cérebro.

Os autores (2013) apontam a relevância do tema, uma vez que as pesquisas sobre vida psíquica e gênese da consciência implicam nas visões de mundo dos profissionais da saúde e conseqüentemente em suas intervenções terapêuticas. Ademais, defendem que investigações neurofuncionais sobre a mediunidade podem avançar a compreensão consensual a respeito da consciência, da suposta comunicação espiritual e suas relações com o cérebro, embora seja necessário que os cientistas tenham cautela para não confundir “correlatos neurais” com “bases neurais” ao fazer suas hipóteses para a relação mente-cérebro.

### **b) A patologização das experiências**

Carpenter (1853) sustenta que sob certos estados, tais como os obtidos em alguns cultos religiosos, a mente do médium perde por algum tempo seu poder de direcionamento volicional pelo self por ser afetada por uma ideia dominante (ALVARADO et al., 2007).

Janet (1889) sustenta que a mediunidade, como a histeria e o sonambulismo hipnótico, mostra a desagregação da percepção pessoal e a formação de várias personalidades que são desenvolvidas sucessiva e simultaneamente. Além disso, nota que os médiuns eram propensos a “acidentes nervosos”: convulsões, tremores, crises nervosas e movimentos coreicos (ALVARADO et al., 2007).

Em sintonia à Janet, Charcot (1888) liga a mediunidade à histeria e considera que as

peessoas com predisposições nervosas que se envolviam com sessões mediúnicas e outras práticas congêneres estavam mais vulneráveis a hospitalização. Marvin (1874) acredita que a mediunidade representa um caso de patologia uterina. Binet (1882) relata que de tempo em tempo um excelente médium tem uma crise nervosa. Grasset (1904) acredita que os médiuns pertencem à família neuropática (ALVARADO et al., 2007).

Duhem (1904) classifica os médiuns em três categorias: fraudulentos, insanos, mentalmente degenerados ou mentalmente fracos. Ballet (1913) acredita que todos os médiuns são dissociados, mas apenas um pequeno número cruza a linha da insanidade e coloca a própria vida em risco graças à prática habitual da mediunidade e à influência das predisposições individuais inespecíficas (ALVARADO et al., 2007).

Em suma, a mediunidade foi relacionada à histeria, sonambulismo, neuropatia, dissociação, alucinação, patologia uterina e possibilidade de possessão. Embora as experiências psicóticas e dissociativas tenham sido habitualmente consideradas pela psiquiatria como sintomas de transtornos mentais, tem havido um crescente reconhecimento de que essas vivências são muito frequentes na população não clínica e tem se buscado distinguir o quanto elas são indicadoras ou não da presença de um transtorno mental (MENEZES et al., 2012).

Importante esclarecer que quantidade considerável de sujeitos busca ajuda por causa dessas experiências. No entanto, estes sujeitos se diferem dos pacientes em unidades ambulatoriais de saúde mental, uma vez que apresentam um perfil sociodemográfico semelhante à população espírita brasileira com bons indicadores de funcionamento social (escolaridade, ocupação, estado civil) (MENEZES et al., 2012).

### **c) A despatologização das experiências**

Como se pode ver, muitos são os autores que reduziram a fenomenologia mediúnica a experiências de causa ou efeitos patológicos. Em face de tais perspectivas, este tópico trata da despatologização das experiências mediúnicas.

A princípio vale citar Moreira-Almeida e Cardeña (2001) quando afirmam categoricamente que existem evidências consistentes de que as experiências dissociativas e alucinatórias, comuns entre os médiuns, são frequentes na população geral e, em aproximadamente 90% dos casos, não são relacionadas a transtornos psicóticos (MOREIRA-ALMEIDA & CARDEÑA, 2011).

Myers (1980), por sua vez, defende que as expressões vocais pronunciadas durante o

transe estão entre as muitas classes de fenômenos nos quais sujeitos saudáveis não sofrem alteração consciencial invasiva, nem tampouco tais fenômenos formam parte da cadeia de memória habitual (ALVARADO et al., 2007). Para Flournoy (1899), a mediunidade é um somatório de habilidades criativas subconscientes e capacidades parapsicológicas.

Stevenson (1983) propôs um novo termo (idíofania verídica), como suplemento ao termo “alucinação”, para designar experiência sensorial não compartilhada verídica e não patológica (MOREIRA-ALMEIDA, 2013).

Lévy-Valensi (1910) não considera a mediunidade necessariamente patológica, mas afirma que os médiuns podem ter predisposição para facilmente cruzar a fronteira da insanidade, produzindo o “delírio espírita”, o qual expressa-se após longo período de prática da mediunidade e consiste de alucinações de diferentes tipos, sensações eróticas e problemas com as funções genitais, comportamentos de luta com perseguições alucinatórias e facilidade de espalhar a ilusão a outras pessoas (ALVARADO et al., 2007)

Assim, é possível perceber que alguns autores não determinam a mediunidade como patologia, rótulo este que fecha as portas da ciência para as ricas possibilidades que podem advir do estudo adequado desse fenômeno.

#### **d) Critérios avaliativos das experiências mediúnicas**

Com a finalidade de distinguir uma vivência religiosa não-patológica das manifestações de psicopatologia dissociativa ou psicótica, Moreira-Almeida e Neto (2004) sublinham ser adequado pensar num diagnóstico diferencial das experiências mediúnicas. Para tanto, temos nove critérios possíveis para experiências não patológicas: 1) ausência de sofrimento; 2) ausência de prejuízos sociais e ocupacionais; 3) experiências curtas e episódicas; 4) atitude crítica sobre a realidade objetiva da experiência; 5) experiência ser compatível com uma tradição cultural; 6) ausência de comorbidades; 7) experiência ser controlada; 8) experiência gerar crescimento pessoal; 9) experiência ser centrada nos outros (MENEZES, 2012).

Com o objetivo de transcender a visão reducionista materialista da mente, Moreira-Almeida (2013) lista alguns vestígios práticos de atividade mental refletindo uma personalidade específica já falecida para auxiliar no seu reconhecimento: 1) Acessar a memória da personalidade: lembrar de fatos e identificar pessoas que a personalidade conheceu em vida; 2) Acessar as habilidades da personalidade: falar ou escrever em língua

estrangeira, escrever poemas, prosas, pintar, caligrafia; 3) Acessar os traços de personalidade: temperamento, caráter e estilo pessoal.

Para muitos, a mediunidade se resume a fraudes e/ou dissociações psíquicas. Moreira-Almeida (2013) vem, neste sentido, dobrar as possibilidades e expor quatro principais hipóteses que têm sido propostas para explicar as experiências mediúnicas que proporcionam informações acuradas ou outras evidências relacionadas a alguma pessoa falecida: 1) Fraude, vazamento sensorial (“pescar” informações), acertos casuais; 2) Personalidade dissociativa gerada pela atividade mental inconsciente do médium, envolvendo o acesso a informações conscientes ou inconscientemente armazenadas na memória do médium e a liberação de habilidades latentes; 3) Percepção extrassensorial (PES): médiuns comunicam informações obtidas por telepatia a partir da mente de outras pessoas e por clarividência de fontes materiais distantes; 4) Mente pode sobreviver à morte corporal e se comunicar por meio de outra pessoa (MOREIRA-ALMEIDA, 2013).

#### **e) Pesquisas negligenciadas**

A investigação da mediunidade e a discussão das suas implicações para as relações mente-cérebro têm envolvido, por mais de um século, um grande número de intelectuais e cientistas, dentre alguns, William James; Frederic Myers; Alfred Russell Wallace, Cesare Lombroso, Alexander Aksakof, Allan Kardec, William Crookes, Camille Flammarion, James Hyslop, Johann Zoellner, Gabriel Delanne, Oliver Lodge, Pierre Janet, Carl Gustav Jung, Theodore Flournoy, William McDougall, J. B. Rhine, Hans Eysenck e Ian Stevenson. Além destes, temos os ganhadores do prêmio Nobel: Charles Richet, Pierre Curie, Marie Curie, J. J. Thomson, Henri Bergson, Lord Rayleigh (MOREIRA-ALMEIDA, 2013).

Importantíssimo ressaltar que a grande maioria dos cientistas que investigou mediunidade em profundidade terminou convencida de que explicações convencionais (fraude e atividade mental inconsciente) podem explicar muito, embora não todos os dados observados. Desse modo, os pesquisadores passaram a aceitar a existência de percepção extrassensorial (PE) e/ou a hipótese da sobrevivência da mente à morte corporal. No entanto, há pesquisadores que continuaram céticos em relação à necessidade de explicações não convencionais para a mediunidade (MOREIRA-ALMEIDA, 2013).

Moreira-Almeida (2013) comenta uma pesquisa em especial, realizada por Beischel e Schwartz (2007), na qual se avaliou, num estudo tipo “triplo-cego”, as comunicações anômalas em mediunidade utilizando consulentes por procuração. Nela, oito médiuns foram



abordados por consulentes por procuração a fim de obterem informações sobre determinados parentes falecidos de oito estudantes da universidade do Arizona (EUA). Tais consulentes conheciam apenas o primeiro nome da personalidade falecida. Em seguida, a cada médium pediu-se que buscasse contatar duas dessas personalidades falecidas relacionadas a dois estudantes. Para avaliar as comunicações, cada consulente pontuou, de modo cego para o grupo controle, de 0 (nenhuma informação ou comunicação correta) a 6 (excelente, incluindo fortes aspectos da comunicação e com basicamente nenhuma informação incorreta). Resultou-se que nenhum dos médiuns produziu comunicações cujos escores foram menores do que os controles, dois obtiveram escores médios (3,5) e três médiuns obtiveram escores bastante altos (entre 5 e 5,5). Ademais, os consulentes identificaram a comunicação correta em 81% das vezes (13 em 16,  $p = 0,01$ ). Buscando controlar potenciais fontes de fraudes, pistas sensoriais e viés do avaliador, os pesquisadores afirmaram que “sob estritas condições triplo cego (...) evidências para recepção de informações anômalas puderam ser obtidas”(BEISCHEL & SCHWARTZ, 2007, p. 26, apud MOREIRA-ALMEIDA, 2013).

#### **f) Espiritismo**

Menezes (2012) escreve que o espiritismo, por ser uma doutrina/religião que enfatiza fortemente as experiências anômalas e mediúnicas e por pessoas procurarem os centros espíritas em virtude de informação e ajuda em relação a tais experiências, torna-se um importante objeto de estudos sobre experiências dissociativas e psicóticas na população não clínica. Neste sentido, quantidade considerável de pessoas busca ajuda espiritual em virtude de suas experiências e por encontrar tal ajuda, provavelmente torna-se médium atuante nos centros espíritas. Importante lembrar que além de receber ajuda espiritual, encontram também ajuda emocional para lidar com dúvidas, medos, desconhecimentos, sofrimentos. Desse modo, imperioso se faz ressaltar que o espiritismo, assim como outras religiões pelo mundo, se constitui como um importante, mas pouco estudado, provedor de acolhimento e cuidados em saúde mental.

#### **g) Sugestões e limitações científicas**

Moreira-Almeida (2013) sugere focar os estudos não em amostras randomizadas de médiuns, mas naqueles mais talentosos, os “bons espécimes da classe”, como dito por James (1890). Menezes et al. (2012), por sua vez, recomendam a investigação e posteriormente a

criação de outros critérios possíveis para diferenciar experiências espirituais não patológicas de transtornos mentais, bem como aconselham pesquisar os grupos religiosos.

Peres e Newberg (2013) indicam a utilização da neuroimagem funcional para investigar as experiências religiosas, embora expliquem a necessidade de uma avaliação cuidadosa das vantagens e limites de tais métodos. Ademais, relembram as limitações científicas ainda existentes para investigar a hipótese da comunicabilidade espiritual, os critérios de distinção entre as expressões dissociativas saudáveis e patológicas no âmbito da mediunidade e relações/diferenciações entre esquizofrenia e mediunidade. Além destas limitações, há diversas variáveis que dificultam as pesquisas.

## **CONCLUSÃO**

A mediunidade é um tema complexo que perpassa de forma multidimensional o ser humano. Envolve fenômenos estranhos, sem dúvida, mas isso não deveria jamais desencorajar estudos científicos e rigorosos (MOREIRA-ALMEIDA, 2013). Pelo contrário: a estranheza despertada por tais fenômenos apenas diz do quanto ainda há por saber no campo destas questões tão fundamentais ao ser humano: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Por que existimos? A morte é o fim? Qual o nosso potencial? Até onde vai a capacidade do nosso cérebro? Existe mente independente do cérebro? O que há para ser descoberto e vivido?...

Mais do que nunca se faz necessário que a pesquisa acadêmica despoje-se de seus preconceitos, dogmas e limitações para abrir-se à compreensão dessa classe de fenômenos tão antigos quanto o é a própria humanidade. Tanto para retirar o véu que encobre as inúmeras pesquisas que já foram feitas quanto para debruçar-se e aprofundar-se em pesquisas outras que virão. A fim de desfrutarmos de compreensões mais integrais do ser humano, capazes de ampliar o leque de nossas perspectivas e ferramentas de enfrentamento e resolução das atuais crises globais insustentáveis, devemos estar sinceramente abertos a absolutamente tudo que se constitui como experiência humana.

Segundo Moreira-Almeida (2013), os dados recolhidos em investigações sobre a mediunidade, sejam elas do passado, do presente ou do vir-a-ser, devem ter prioridade epistemológica sobre estes velhos paradigmas estabelecidos. Paradigmas que simplesmente não dão conta de explicar a diversidade dos fenômenos anômalos que transpassam as nossas vidas e cotidianos.

Os fenômenos mediúnicos, por fim, pedem por olhares profundos, pelo

desenvolvimento e teste de teorias inter e transdisciplinares e pelo levantamento de hipóteses múltiplas que contemplem a rede de relações biopsicossocioespirituais na qual estão envolvidos (MOREIRA-ALMEIDA, 2013). A ampliação de respostas ao problema mente-cérebro e a despatologização dos fenômenos psicológicos e espirituais, promovendo saúde em todos os níveis, são exemplos diminutos do que as pesquisas neste tema têm a nos oferecer.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVARADO, C.S. Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. *Rev Psiq Clín.*; 40(4):157-61, 2013.

ALVARADO, C.S. et al. Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de ideias psicológicas e psiquiátricas. *Rev. Psiq. Clín.* 34, *supl 1*; 42-53, 2007.

BEISCHEL, J.; SCHWARTZ, G.E. Anomalous information reception by research mediums demonstrated using a novel triple-blind protocol. *Explore (NY).*;3(1):23-7, 2007.

CARDEÑA, E.; LYINN, S.J.; KRIPPNER, S. Varieties of Anomalous Experience: Examining the Scientific Evidence. *American Psychological Association*; 2000.

FLOURNOY, T. Genèse de quelques prétendus messages spirites. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger* 47:144-158, 1899.

JAMES, W. The principles of psychology. Henry Holt, New York, 1890.

KARDEC, A. O Livro dos médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores. Trad. de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

MENEZES, J.A., et al. Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos. *Rev Psiq Clín.*;39(6):203-7, 2012.

MOREIRA-ALMEIDA, A. Pesquisa em mediunidade e relação mente-cérebro: revisão das evidências. *Rev Psiq Clín.*;40(6):233-40, 2013.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; CARDEÑA, E. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. *Rev Bras Psiq.*;33 (suppl.1):s21-8, 2011.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; NETO, F.L. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. *Rev. Psiq. Clin.* 31 (3); 132-141, 2004.

PERES, J.F.P.; NEWBERG, A. Neuroimagem e mediunidade: uma promissora linha de pesquisa. *Rev Psiq Clín.*;40.(6):225-32, 2013.

STEVENSON, I. Do we need a new word to supplement "hallucination"? *Am J Psychiatry*;140(12):1609-11, 1983.

STOLL, S.J. Encenando o invisível: A construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de "auto-ajuda". *Religião e Sociedade, Rio de Janeiro*, 29(1): 13-29, 2009.